

A Poética do Solo

Lays Emanuelle Viédes Lima KUHLEN¹³⁷

Foi meditando sobre as re(l)ações humanas, e de como somos prantea(dor)es do que nos falta ao invés de semeadores dos algos que achamos que perdemos e desejamos encontrar, que as pensações inquietantes do olhar poético fizeram eu desejar (de)morar a atenção no Solo para ouvir o que ele estava dizendo...

Essa fome que mora nas palavras enquanto eu escutava em silêncio, a solidão ia fazendo poesia no jardim durante a minha caminhada sem venda nos pés. Depois de abandonar algumas certezas, firmei os pés no Solo e fui sentindo o verde se fazer após alguns passos e percebendo que qualquer sensação de não-direção já era um direcionamento, muitas vezes lançando luz sobre aquilo que (con)fundia...

Por mais que os valores da chamada Pós-modernidade têm provocado a desertificação do pensamento, do sentimento, e do fazimento das pessoas em suas convivências, a sensação da “perda de localização” ao mesmo tempo que se torna crise, potencializa ainda assim, a abertura de um campo de visão/ação para a solidariedade, pois tal sensação pode ser capaz de proporcionar um olhar para o Outro numa dimensão de olhar-nos nesse Outro que somos nós/fazem parte de nós para que existamos, sem categorias de raça, gênero, classe social, para que sintamos na humanidade uma família. Muitas vezes conhecemos a materialidade e a resistência do Solo que pisamos, mas não oferecemos importância em afagar, conhecer os desejos e fecundar os nossos Solos, Solos-terras, Solos-existências.

Falar em poética do Solo é inspirar pensamentos e ações que nos façam refletir como cuidamos do solo que plantamos nossas (v)idas, como transformamos a matéria orgânica em decomposição dos nossos desafetos e frustrações, em adubo

¹³⁷ Graduada em Filosofia pela Faculdade São Luís de Jaboticabal/SP. Especialista em Filosofia da Educação pela mesma instituição.

para praticar nossa melhor agricultura. O Solo nos dá consciência da nossa temporalidade, de nossa estação provisória, ao passo que nos possibilita enxergar o mundo pela medida de seu movimento. O Solo é circular, tornamos a repetir o movimento, repetidas vezes, embora sejam repetições um fazer que não se repetem igualmente. Somos-Solos no tempo, Somos-Solos temporalidades, Solos sem destino de advérbio, Somos-Solos no gerúndio-Sendo. Somos alquimistas do Solo. O Solo é desejante como nós.

Parece-me que um grande incêndio tem assolado à sociedade, o desmatamento dos conceitos e valores que sustentaram durante muito tempo as re(l)ações sociais tem agoniado uma grande estiagem no sentir dos seres humanos, germinando um frio existencial que coloca os sujeitos num estado de sofrimento de si mesmo, refletindo no seu emagrecimento inconsciente da perda de potência pulsadora para a vida, sentimento que afeta os sujeitos nas extensas relações entre os povos que vestem o mesmo planeta. Essas afetações têm causado grandes problemas de erosão ou desertificação do Solo.

A cada intempérie climática vedamos nossos Solos cada vez mais com cimentos de todas as qualidades disponíveis em mercado, essa tentativa de encobrir nossas rachaduras, fazem o processo inverso ao da ideia de que temos em ficar mais resistentes, ficamos cada vez mais frágeis e superficiais, perdendo camadas e (c)amadas de possibilidades de re(tornar)mos enquanto Solo que produz vida mesmo (re)nascendo de tantos processos de mortandade. A má utilização de nossas engenharias subjetivas e faltas de práticas de conservação de água no Solo tem destruído a nossa cobertura existencial.

A tentativa de responder a uma racionalidade que foi pensada para nós sob o *cartesianismo*, ossifica os modos de subjetivação das pessoas e suas produções de vida de maneira avassaladora. Um desses reflexos instaura-se na individualidade dos fazeres cotidianos, em que cada um preocupa-se com a fatia de seus próprios méritos refletidos nos gozos pessoais e seus sintomas, dessa maneira, deixando de prestar atenção na vida, que flui como a única certeza que existe – o devir. Deixar de aprender com o movimento que a vida se apresenta ordinariamente é negar-se

aprender em movimento para (res)significar, processo que poderíamos entender melhor se não relutássemos tanto e fechar velhos ciclos para abrir novos, matar para fazer viver novamente e viver para aprender a morrer... reflexões que, se tornassem nossas práticas, a vida teria menos sobrecarga de juízos e mais leveza de sentires nos devires do Solo-Sendo com seus vagares-pulsares das transbordâncias da vida.

As razões ordenadoras de nossas (v)idas nos fazem estrangeiros de nós mesmos, nos fazem não conhecedores dos nossos Solos, tampouco des-brava-dores dos mesmos. O relógio oprime as tentativas de expressar o melhor de nós não só para os outros, mas, sobretudo, para nós mesmos. O relógio social cria mecanismos de autojulgamentos severos que nos ensinam a reprimir nossas vontades e manifestação de nossos sentimentos. Esse correr depressa do tempo, fora de nós, piora nossas tentativas de lidar com as incertezas, (re)forçando nosso convívio em ilhas afetivas cada vez mais particulares, o que resulta em solidões em massa e silêncios ensurdecadores.

A liberdade de expressar nossos sentimentos ou fragilidades não contemplou nossa cultura, uma vez que desde que pequenos, em casa, na escola, ou nos demais espaços chamados de socializa(dores), já são produzidos em nós, modelos de comportamentos sentimentais dos quais podemos manifestar e dos quais não podemos. Depois de adultos, fica cada vez mais difícil permitir-se viver sem tantos recalcamientos e projeções de um/ns Outro(s) criado por nós.

A falta de umidade em nossas vidas nos torna incapazes de nos preparar para as próximas estações, afinal somos cultivadores, sem umidade ficamos impedidos de (m)olhar aqueles que precisam da nossa água para que por onde formos eles possam também florescer. Nosso Solo, cada vez mais ressecado chega a trincar alto de tristeza pela nossa negligência referente ao cuidado de si, cuidado esse, que deveria fazer parte da consciência coletiva ativa, uma vez que é o tipo de cuidado mais importante de cunho estético, pois refina a intensidade das relações consigo em que resulta numa arte da existência, tomada como uma forma de atitude, uma ética, formas de viver dentro de uma prática social que dê lugar as relações sociais interindividuais e que resulte certos modos de elaboração de saberes. Sem o cuidado

de si, não há o cuidado com o Outro. Sejam sustentáveis com os nossos Solos, para que possamos respeitá-lo, amá-lo com todas as dores que fazem parte dele e que faz sua beleza ter significado, e ainda assim, fazer brotar dele, novas colheitas de possibilidades que recuperem nossos/novos sentidos.

Quando trincamos, não percebemos quais são as forças que nos tornam capazes de criar, sobretudo, a nós mesmos. Poderíamos nos perguntar diante da seca que nos oprime: Qual o nosso detalhe? Qual a nossa potência em relação às intempéries? O que sufoca nossa bio-grafia? O que sabemos sobre o Solo que nos dá a textura viva da nossa pintura em tela existencial? Como ficcionalizamos o preparo desse Solo diante dos atravessamentos que nos colocam em movimento e transbordam nossas interrogações? Qual a (est)ética que estamos elaborando para o nosso Solo-vida?

Pensando o Solo mais do que simplesmente a camada superficial da Terra, pensemos o Solo como a representação da vida, uma tessitura delicada onde o Solo só faz sentido em comunhão com outros Solos. Ao observar como podemos perceber o que estamos fazendo com o chão que pisamos, chão que ao mesmo tempo nos agracia com refeição, vamos (re)organizando nossas práticas de como devolvemos ao Solo o que dele tiramos e não o preparamos para a semeadura de novas plantações. Quando nos afastamos do nosso Solo, negamos nosso princípio vital, nossa fonte de alimentação e partilha do pão.

Gastando o mínimo do tempo ordinário que nos limita o cotidiano, e sabendo escutar para dialogar com nossos próprios silêncios, chegaremos na competência atitudinal de saber que antes de regar o Solo, e esperar, está o plantar e o colher, uma vez que, não plantando, não nascerá, não regando, não crescerá, não praticando o verbo amar, morrerá...Solos-vidas, Solos-pessoas.

Nosso Solo, assim como nossas relações inter/pessoais, tem passado por uma triste degradação, eco de nossas mudanças climáticas interiores, que refletem em nossas existências a formação de paisagens áridas, quiçá, de desertos propriamente dito. Essa assolação está intimamente relacionada com a falta de um recurso

substancial: o recurso hídrico, único recurso capaz de combater a pobreza da nossa camada. Sem esse recurso, estamos destinados a ausência.

Percebo uma grande dificuldade em educar para à conservação, para o zelo, a deseducação reforça o uso e o consumo de forma abusiva em relação ao que o Solo nos proporciona, produzindo humanos não só consumidores de coisas, mas também de gentes.

O Solo é um exercício de alteridade, um encontro de coexistência que faz da vida uma compreensão cíclica de movimentos de preparação para semear, cultivar, colher e comer, repetições de um fazer que nos proporciona o compartilhar, o servir e o amar, ações no infinitivo, que denotam o devir de como fertilizamos nossas vidas, somente, possível devido à outras vidas.

Recebido em 14/09/2016.

Aceito em 30/12/2016.